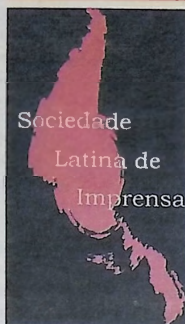


# A PALAVRA LATINA



**“Uma campanha contra a imprensa capitalista, contra o pensamento único e pelo respeito e apoio às lutas populares legítimas em todas as suas formas: dos trabalhadores sem-terra, aos movimentos guerrilheiros, indígenas e de massas, e em defesa da revolução socialista”**

*A Palavra Latina é o órgão de comunicação impresso fruto da parceria entre a Associação Cultural de Educadores e Pesquisadores da Universidade de São Paulo e a Sociedade Latina de Imprensa*

**Ano 1 - número 04 - São Paulo Novembro/Dezembro de 2004 DISTRIBUIÇÃO GRATUITA**



Associação Cultural de Educadores e Pesquisadores da Universidade de São Paulo

**O conflito no Oriente Médio**

**Pág. 3**

**Uma história antiga: Paraguai**

**Pág. 4**

**Luto paulistano**

**Pág. 4**

**Quantos muros têm que existir?**

**Pág. 5**

**Crônicas de uma viagem**

**Pág. 5**

**A ditadura no Brasil**

**Pág. 6**

**Amazônia: a pilhagem continua**

**Pág. 7**

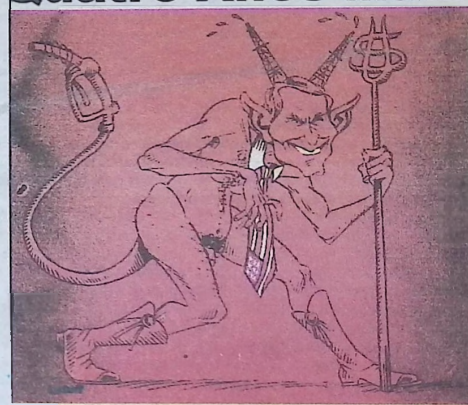
## Eleições na América

**Pág. 3**



*São Paulo dorme no ponto*

## Quatro Anos Mais



**Hedonismo e Narcisismo**

**Pág. 8**

**Americano ou estadinidense**

**Pág. 11**

## Cultura

**Um pecado de lesa cultura**

**Pág. 8**

**Poucas Palavras**

**Pág. 11**

**Crônicas do tempo**

**Pág. 11**

**MST em rimas**

**Pág. 12**

### **Campanha contra o monopólio da imprensa capitalista**

A *Palavra Latina* é um projeto de jornalismo crítico na contra-mão do pensamento único vigente largamente difundido pela imprensa conservadora. O jornal foi viabilizado através da parceria entre a *Sociedade Latina de Imprensa* e a *Associação Cultural de Educadores e Pesquisadores da Universidade de São Paulo*.

A *ACEPUSP* é uma entidade política criada e gerida por alunos e ex-alunos da USP e que desenvolve projetos de difusão cultural e socialização do conhecimento pelas classes populares, através de cursos, seminários, debates, manifestações artísticas e comunicação social.

A *Sociedade Latina* é um agrupamento de militantes latino-americanos unidos em defesa da identidade cultural e política latino-americana. É um projeto de comunicação e reflexão cujo intuito é o desenvolvimento e a integração dos povos latinos através da difusão do seu pensamento, cultura e história. Aglutina escritores, cientistas humanos, jornalistas e artistas de vários países em torno do ideal da liberdade e da diversidade dos povos.



Recentemente *A Palavra Latina* organizou o debate "Imprensa Alternativa e Liberdade de Expressão", no anfiteatro da História da USP, contando com a participação de representantes das revistas *Caras Amigas* e *Reportagem* e do jornal *Brasil de Fato*. Três órgãos da imprensa alternativa que, às duras penas, alcançaram níveis importantes de difusão e continuam na senda corajosa de resistir ao monopólio dos meios de comunicação.

Neste momento em que os meios monopolistas representam a força ideológica mais proeminente da ordem senil do capitalismo - no Brasil o mapa eleitoral coincide com os centros midiáticos regionais -, faz-se fundamental direcionar nossos esforços para o fortalecimento dos meios de comunicação populares (e não popularescos) e alternativos, que em outros tempos seriam calados à bala, se preciso, mas que hoje são oprimidos economicamente.

E o que nossos colegas tinham para expressar e debater sobre o tema proposto? Nos contam, por exemplo, que há duas grandes distribuidoras de periódicos no país que abocanharam a maior parte do valor de face das revistas, o que dificulta a penetração de pequenos órgãos impressos nesse mercado e, consequentemente, o sustento de seus profissionais. Além disso, não se pode pensar em liberdade de expressão sem tocar no ponto nevrálgico da propriedade dos meios de comunicação.

No debate todos os palestrantes refizeram a breve história da imprensa alternativa no Brasil, lembrando os momentos mais marcantes. Desde as duas primeiras décadas do século XX, sobretudo em São Paulo, havia as impressoras anarquistas e socialistas, que foram muito ativas e importantes entre o operariado emergente. Surgiram ainda jornais de variados grupos de imigrantes, mas toda essa produção jornalística foi perseguida a partir da ditadura de 1930 pela polícia política de Vargas e, embora os maiores jornais tenham resistido durante os anos de 1940 a 1945, os que se mantiveram ficaram oficialmente nas mãos do governo.

Entre 1945 e 1964, o país contava com uma forte efervescência cultural e política e com periódicos populares de relevância. O Partido Comunista Brasileiro tornou-se um dos grandes alicerces da imprensa popular. Mas os periódicos de esquerda, e mesmo jornais católicos

ou reformistas que atingiam um público considerável, assim como muitos outros periódicos, de pequenos alcances mas numerosos, foram duramente golpeados ao longo da ditadura militar de 1964 a 1984, sendo destruídas suas redações, maquinários e toda estrutura física. Os jornalistas também foram fisicamente destruídos: perseguidos, invalidados ou mortos pela tortura.

Entretanto, há quem se erga pomposamente sobre estes escombros. É o caso da *TV Globo*, da *Editora Abril*, dos jornais diários *O Estado de São Paulo* e a *Folha de São Paulo* (e de seus respectivos jornais secundários), que dominaram a cena e o mercado. Aliás, é preciso frisar que a penetração da televisão com ênfase na vida cultural brasileira foi a que teve o maior impacto sobre a relação entre a população e a informação jornalística e governamental, resultando em grande parte no massivo processo de alienação política e disseminação de práticas e valores mercadológicos, empobrecendo em muito a vida cultural do país.

Somente a partir da década de 80 haveria uma ascensão dos movimentos sociais e surgiria, novamente, uma proliferação de órgão de diferentes segmentos. Nos anos 90, com o desenvolvimento das telecomunicações e da informática, a imprensa alternativa ganhou novo fôlego.

Contudo as condições concretas, neste tempo, garantem a manutenção do monopólio da comunicação, sujeito ao interesse das elites. E toda a imprensa dos monopólios, além da televisão (e porque não dizer, o rádio) é uma ameaça concreta à democracia brasileira porque reduz a participação de amplos e variados segmentos da sociedade nos meios de comunicação, ajudando na manutenção da desigualdade social, injustiça e exclusão em vigor há 500 anos. O PT, que no passado representou uma das grandes vozes contra essa violência, até agora não demonstrou vontade política substancial no sentido de promover uma real democratização das telecomunicações.

O monopólio empobrece a democracia e a cultura. Devemos ser ativos no processo de revitalização da imprensa popular. E isso se dá com a organização do povo, com o apoio às rádios e televisões livres, aos jornais independentes, com a ampliação do uso da Internet e com pressão sobre o governo para que cumpra o seu dever de intervir nas concessões de rádios e televisões, a fim de garantir o seu uso para o interesse público e coletivo, como determina a Constituição Federal Brasileira.

A imprensa alternativa e popular deve continuar com o firme compromisso de informar e formar uma consciência crítica sobre a opressão e todas as iniquidades que a grande imprensa insiste em nos vender como realidades imutáveis.

## A violência policial na era Vargas

Por Leandra Yunis\*

As discussões históricas que ocorrem em função da era Vargas e do suicídio do presidente resultaram em diversas reavaliações do passado e algumas permanências foram mencionadas. Tomei a liberdade de apresentar um texto sintetizando as vozes de historiadores e sociólogos que se debruçaram com cuidado especial sobre o tema nos últimos eventos. Apresentarei também, ao longo desta síntese, alguns fatos históricos relativos ao sistema repressivo do Estado Novo, que compõe parte dos resultados da pesquisa que venho realizando como historiadora do *Núcleo de Estudos da Violência*, cuja pesquisa histórica contribui para preencher uma grande lacuna na historiografia ao se dedicar ao estudo das estruturas físicas, culturais, institucionais e políticas da segurança pública e o sentido da "punição" nos últimos dois séculos no Estado de São Paulo.

Nas recentes reportagens e cadernos dedicados ao tema, a grande imprensa manteve intocada a herança que recebeu da era Vargas: exaltou a figura do líder político como herói e "pai dos pobres". Nos debates realizados pelos historiadores essa cumplicidade da imprensa com a auto-imagem construída por Getúlio foi apontada e criticada, além das reflexões sobre o poder exercido pelos meios de comunicação sobre a sociedade, a cultura, a economia e a política.

Outro legado inegável para nossa sociedade recém-saída do escravismo foi a construção dos direitos sociais amparada na política de consolidação das leis trabalhistas e da ampliação significativa de setores sociais até então muito menos excluídos, como mulheres e negros, na burocracia estatal, pela abertura de concursos públicos em diversos setores em decorrência da modernização estatal alavancada pelo Estado Novo.

Tais direitos, entretanto, surgiram já cindidos dos direitos civis e políticos. A intolerância étnica, política e moral, foram profundas e constituíram o sustentáculo ideológico do governo autoritário e repressivo das décadas de 30 e 40. Exemplo disto é a sistemática política de segurança nacional contra a vadiagem, operada pelo órgão de segurança pública e que visava eliminar o "mal social". Essa política atingiu em sua maioria os desajustados sociais de diversas origens e propósitos, os ébrios e desempregados - uma população que em grande parte era onuda do campo e que chegou a constituir 60% da população penitenciária de São Paulo em meados de 30 - e corroborou para a transformação das instituições punitivas e reeducativas em máquinas de reprodução social da criminalidade.

No campo da repressão política, o Estado Novo foi o campeão na

criação por decreto de presídios improvisados, uma vez que ainda não existiam, oficialmente, estruturas físicas destinadas especialmente para os fins de encarceramento e tortura de indivíduos perseguidos por suas tendências político-ideológicas. Em São Paulo, por exemplo, focos de fenômenos arbitrariedades e violência política deste período foram os presídios da Ilha Anchieta, da rua do Hipódromo e o Presídio Maria Zélia. A ilha foi palco de diversas prisões injustas, condições inumanas de sobrevivência e rebeliões duramente reprimidas. O Hipódromo era um xadrez particular do Departamento de Investigações e detinha de presos inocentes, vítimas de extorsão e de abuso de poder policial, até "peixes grandes", presos de "colarinho branco" que estavam em regime semi-aberto e utilizavam o espaço como escritório central de suas falcatruas. O Maria Zélia foi "criado" para recolher comunistas envolvidos nos episódios de 1935 (a Intentona Comunista), manteve cativos por mais de um cerca de 2000 indivíduos, irregularmente detidos, cuja maioria não era ligada a qualquer movimento ou partido de esquerda. Em 1936 houve neste presídio, situado num complexo industrial contíguo a vila operária, uma tentativa de fuga e 24 homens foram aleatoriamente fuzilados por agentes da chamada Polícia Especial - corporação especial dirigida por elementos integrantes da fascista Ação Integralista Brasileira. Neste último presídio estiveram também grandes lideranças, como Luis Carlos Prestes e Caio Prado Júnior, e houve um tempo em que funcionou dentro dele uma faculdade, em que os professores e militantes de esquerda ministravam aulas aos presos comuns. O complexo industrial Maria Zélia foi projetado e construído no início do século pelo empresário chamado Jorge Street, que o batizou com o nome de sua falecida filha. Situa-se na rua dos Prazeres, no Brás, e hoje seus moradores lutam pela preservação de sua vila como patrimônio histórico, promovendo eventos artísticos e culturais - como a peça *Histeria*, encenada num de seus antigos edifícios.

Tantos outros presídios políticos improvisados - e, portanto, irregulares - funcionaram em fábricas, galpões abandonados e outros espaços, e isso se tornou prática corrente perpetuada na ditadura militar. O general Beviláqua, conhecido por sua atuação na justiça militar daqueles tempos, chegou a declarar numa defesa que o patrono das forças armadas, o general Duque de Caxias, ficava horrorizado e desmoralizado ao ver como os militares estavam rebaixados a atuar como polícia política, para perseguir, prender e torturar civis por motivos político-ideológicos, executando seu trabalho em cárceres im-

provisados em fábricas e depósitos abandonados.

A prática sistemática da tortura, como um instrumento institucional de repressão e terror esteve amparada sob a máxima dogmática e sádica, de que a punição deve ser proporcional ao mal, e quanto maior for esse mal, delineado pela ideologia, justifica-se o ato arbitrário da violência, física e psicológica. Assim é que hoje grande parte da população herdou a concepção errônea de que os direitos humanos são instrumentos de defesa de criminosos, esquecendo-se de que os direitos humanos são direitos inalienáveis, sob quaisquer circunstâncias, a todo e qualquer ser humano. Vale mencionar a esse propósito o emblemático caso de Henri Berger, militante comunista amigo de Prestes, que enlouqueceu sob tortura, enquanto inutilmente o jovem e enstado advogado, Heráclito Sobral Pinto, tentava defendê-lo, chegando a apelar diretamente ao ministro da justiça e a amparar a sua defesa num regulamento de defesa aos animais.

Da era Vargas também se herdou o respeito cego às autoridades, confundindo-se o papel de autoridade com o autoritarismo com que se exerce. Falta lembrar que sob tal circunstância de respeitabilidade a corrupção também permeou os meandros do poder, beneficiando financeiramente ao próprio Vargas e sua família oligárquica, como a tantos outros. E pode-se acrescentar que uma de suas crias políticas mais controversas foi o político populista Adhemar de Barros, imortalizado pelo lema "rouba mas faz", que se perpetuou e foi reapropriado por seus descendentes políticos. Tais legados contribuíram deveras para uma cultura política de permissividade por parte dos cidadãos eleitores, que compactuam com a desonestidade de seus representantes em troca de migalhas.

\*[Historiadora do Núcleo de Estudos da Violência]

A PALAVRA LATINA

Edição Geral: Cassiano Novais  
Vitor Martins Fontes e Waldo Lao.  
Conselho Editorial: Lincoln Secco, Cesar Cordara, Ivan Leichsenring, Marcelo Min, Leandra Yunis.  
Fotografia: Marcelo Min, Xico da Silva e Yuri.  
Revisão: Yuri, Waldo, Cassiano, Leandra e Ivan.  
Revisão Final: Ivan Leichsenring  
Diagramação e Arte: José Márcio Cândido  
vermelinho2@yahoo.com/Cel: 9386-5601

Correspondência e Exemplares:  
Tel.: 3091-2307 ou 3231-0692  
apalavralatina@grupos.com.br

Materiais assinados sob a responsabilidade de seus autores  
Tiragem desta edição: 6.000 exemplares  
Periodicidade bimestral





## "Los Votos de Octubre" Giran através de América Latina.

Por: Waldo Lao\*

*El nuevo camino del Uruguay, la victoria del Frente-Amplio (EP-FA-NM)".*

En junio de 1973, fuertes presiones por parte de los sectores de derecha, aliados a las fuerzas militares y a grupos paramilitares, llevaron al Uruguay a un proceso de dictadura que se extendió por 13 años. A lo largo de este proceso, se haría creer que los movimientos de izquierda habían sido exterminados, pues muchos de sus líderes fueron presos, muertos, mientras otros optaban por la vía alterna del exilio. A principios de los años 70's, surgirían los "Tupamaros" (MLN-T), que intentarían liberar a la Nación, del órgano corrupto y tradicionalista que gobernaba al país por más de 100 años (el Partido Blanco y el Colorado). En 1972 los Tupamaros fueron derrotados militarmente y solo 13 años más tarde, dejarían la clandestinidad formando parte del nuevo Frente-Amplio (que surgiría como coalición en 1971). En 1989 el Frente ganaría la Alcaldía de Montevideo, aumentando cada vez más su participación Parlamentaria.

Uruguay, fue un producto de las aceleradas políticas neoliberales, quedando aislado, privatizado y económicamente improductivo. La crisis del 2002, dejaría al país sobre límites inimaginables. En este período: se reduciría en un 50 % el Producto Interno Bruto, aumentaría considerablemente la deuda externa, que llegaría a superar su producto anual en un 110%. El proceso emigratorio, en su mayoría dirigido por jóvenes se aceleraría masivamente, casi un 40% de los uruguayos quedarían debajo de los niveles de pobreza y los índices de desempleo llegarían a ser de un 20% sobre la población económicamente activa.

Este año, las encuestas preelectorales marcaron vías diferentes para el Uruguay. Desde principios de Octubre, los resultados favorecían al candidato del Frente-Amplio Tabaré Vázquez, que obtendría un 51% de los votos finales, a diferencia de sus otros dos contrincantes, Jorge Larrañaga del Partido Nacional que tan solo obtendría el 34.5 % y Guillermo Stirling del Partido Colorado, que contaría solamente con un 10% en las urnas.

Con el triunfo de la izquierda uruguaya, nuevos ejes darán rumbo al país. La coalición del Encuentro Progresista del Frente Amplio-Nueva Mayoría, esta integrada por diferentes grupos progresistas del país, reuniendo en un solo bloque corrientes políticas de izquierda, desde: socialistas, comunistas, democristianos liberales, socialdemócratas y ex-guerrilleros tupamaros. El Frente deberá implantar una nueva vía alternativa que rompa con el antiguo modelo neoliberal, negociará el pago de la deuda externa y reactivará la producción del país, especialmente en el campo de la exportación, (priorizando la agroindustria). A nivel social, se dará marcha al programa de emergencia anunciado en campaña. Pero: "El futuro de un pequeño país tan endeudado, dependerá en gran medida de un crecimiento a mediano plazo", asegura el periodista uruguayo Raúl Zibechi.

Los uruguayos comenzaron nacionalizando. En la consulta popular realizada sobre el control del agua, un 60% de la población aprobó que el agua sea un "bien público" (en materia de servicios y saneamiento). Esta nueva iniciativa, les arrebató de las manos, el monopolio que tenían las dos empresas transnacionales, la "Uragua" (consorcio español) y las "Aguas de la Costa" (consorcio frances).

Así como los votos sorprendieron las elecciones en el Uruguay, en Venezuela surgió el

resplandecer de la Revolución Bolivariana. Las elecciones departamentales realizadas en diferentes municipios y regiones del país, dieron la victoria al Movimiento Quinta República del Presidente Hugo Chávez en 20 de las 22 gobernaciones, también ganarían la Alcaldía Mayor en Caracas con un 62% de los votos.

En Chile, las elecciones pasaron por tintes claros y oscuros. La coalición Chilena de centro izquierda, "Concertación por la Democracia", obtendría la mayoría de los votos en las alcaldías, pero la derecha Alianza por Chile, mantendría la capital de Santiago. En Brasil, el Partido del Trabajo (PT), el que llevaría a Lula a la presidencia, perdería las elecciones en São Paulo, (dándole el turno al partido PSDB) y en la ciudad de Porto Alegre (cuna del Foro Social Mundial) donde el Partido había gobernado por 16 años. En los resultados generales, el PT tan solo conquistaría 9 de las 26 capitales.

En Centroamérica otros gobiernos mantienen despertares, como el caso de Panamá. Con el triunfo de Martín Torrijos, el que a comienzos de su mandato tendría por iniciativa el restablecer las relaciones diplomáticas con la isla de Cuba, así como prometería normalizar las relaciones con la República Bolivariana de Venezuela. En Nicaragua, el Frente Sandinista de Liberación Nacional (FSLN) que gobernaría al país de 1979 a 1990. Ganaría la mayoría de votos en los municipios y las cabeceras departamentales, representando 14 de las 17 provincias del país, contando las dos regiones autónomas del Atlántico. A diferencia de las elecciones del 2000, el nivel de abstención aumentaría, pasando de un 38% a un 44% de la población. El FSLN también mantendría la capital nicaragüense con el triunfo del candidato Dionisio Marenco.

En las esperadas elecciones del norte, el miedo venció en las urnas. Los Republicanos tendrían cuatro años más, para poner por delante la bandera de la paz y por detrás los intereses de una Nación que tiene por miedo la abstención.

\* [Estudiante de Antropología (ENAH) México, waldo\_lao@yahoo.com]



## A falta de talento para a paz

por Valéria Fonte\*

Recentemente, entre os dias 28 de setembro e 6 de outubro, num mini-curso realizado pelo Instituto de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, o pesquisador Paulo de Moraes Farias, professor na Universidade de Birmingham, discorreu sobre a historiografia e a produção de mitos a respeito do Islã na África Subsaariana.

Alguns dias depois, o Departamento de Letras Orientais da mesma faculdade trouxe para uma palestra Juliana Johan, graduada em História, Arqueologia e Relações Internacionais e também professora no Reino Unido, que mora há dois anos na região da Palestina. Esta historiadora acrescentou informações sobre como a ideologia favoreceu (e ainda favorece) a política de extermínio de "árabes" palestinos, e no estabelecimento dos diferentes imperialismos a que foram (e são) submetidos.

Farias e Johan têm sublinhado em seus debates a necessidade de superação da ignorância a partir dos conflitos gerados e do posicionamento político tanto na África quanto no mundo islâmico. Não se trata apenas de ajuda humanitária, pois a realidade nesses espaços se expande à política internacional em virtude da frequente tomada de decisões estadunidenses à revelia do equilíbrio de forças entre as nações, como bem nos mostra hoje a guerra no Iraque.

Cabe explicitar um termo: "orientais". Trata-se de uma categoria platônica e que define, por tradição, o caráter. Mostra-nos, enfim, o destino inexorável e pré-existente de povo que só existe para nós "ocidentais" como contrastantes de nossa visão-de-mundo. No entanto, é preciso cuidado. Onde se lê "ocidentais" não se lê "africanos" ou "latino-americanos". As diferenças entre povos subdesenvolvidos, desse modo, seriam circunstanciais: não somos homens-bombas, somos traficantes; não nos cobrimos com véus de desumanidade, despiamos nossa ultrajante prostituição para o mundo; não escandalizamos nosso fanatismo irracional, mas nossa miséria torna-se espetáculo.

Bem como os orientais, somos neuróticos, doentes, incapazes. O oriente, assim sendo, também é aqui. Farias, então, afirmou exatamente o oposto dessa concepção ao comentar do Sahel, região que estabelece uma fronteira natural e cultural ao sul do Saara, onde populações autóctones e muçulmanas entraram em contato a partir dos primeiros séculos islâmicos. Apresentando dados arqueológicos, literatura, narrativas e tradições interpretativas chegou a uma conclusão "surpreendente": observou que naquele recorte espaço-temporal há um convívio dinâmico e certamente conflituoso, porém não deflagrador de violência exacerbada, encontrando uma sociedade baseada em refinadíssimas relações de poder e alianças políticas.

À primeira vista, aquele seria um contato impossível – para nossos olhos miopes ocidentais – de duas visões-de-mundo que têm apenas um traço em comum: o mergulho nas trevas de religiosidades nada sublimas. E tal confluência cultural seria o próprio epicentro do conflito, pois o Islã é sempre um "Islã-Jihad" imutável e que, portanto, não admitiria o "paganismo" dos povos do Sahel. O pesquisador negou, assim, a definição ocidental de um Islã essencialmente intolerante e incompatível com os fatos culturais de territórios para onde avançou.

No entanto, até o século XVI – quando foi desmantelado o império Songhay –, por 800 anos o Sahel jamais foi invadido por algum exército aterrorizador. Tampouco houve um esforço sistemático para a conversão à nova fé: alianças e busca por status social guiavam as adesões. Ou seja, esses conquistadores não precisaram abandonar preceitos para se adaptarem, fato que os teria tornado integrantes de um Islã "africano", um Islã distorcido e, portanto, menos Islã.

Edward Said, na introdução de seu *Orientalismo*, diz ao seu público do Tercer Mundo que seu estudo: "(...) se propõe como um passo em direção a um entendimento não tanto da política ocidental e do mundo não-ocidental nessa política, como da força do discurso cultural ocidental, uma força muitas vezes considerada erroneamente como algo decorativo ou 'superestrutural'".

Johan expôs ainda no debate, as estatísticas sobre mortos à beira das barreiras militares israelenses uma vez que nem sempre as emergências médicas têm acesso irrestrito às pessoas deficientes físicas que convivem com os tanques de guerra, o desemprego, a falência das relações humanas... A palestrante, igualmente, esclareceu as dúvidas sobre o controle de informações e o impedimento da imprensa, sendo preciso admitir um processo de "limpeza racial". Hoje Israel ocupa terras e acusa suas vítimas de não colaborarem para a tranquilidade na região, e por meio desse pretexto, constrói um muro que escapa à analogia com o de Berlim – este era um muro de separação, aquele serve ao confinamento.

Entretanto, essa mesma força que fala Edward Said tem provocado um desrespeito profundo das nações hegemônicas ditas "ocidentais" sobre os povos dos continentes asiático e africano. A questão é, como deixar de introduzir, no jogo de tensões contemporâneo, discussões sobre a autodeterminação dos povos? Ora, está fora de moda! Desde o século XIX, anunciava-se a inconveniência das chamadas "sociedades inferiores": independentes: no Egito dominado pela Inglaterra a ideia de "nacionalismo", na melhor das hipóteses, significava baderna.

Ambos os pesquisadores, Farias e Johan, esforçaram-se em dissolver discursos consolidados e profêricos à exaustão, usados tanto para condenar quanto para defender. Para os dois a religião não é o centro nos conflitos, tampouco é impedimento irreconciliável à paz. Os palestinos não acreditam que assegurem seus passaportes para o paraíso eterno cada vez que morre um judeu, simplesmente combatem os usurpadores de suas terras, das suas soberanias, dignidade, trabalho, saúde e grandeza cultural. A guerra entre árabes e judeus não é "milênar" e incompreensível, tem sua origem específica: a "partilha da ONU" em 1946. E, principalmente, as sociedades "árabes" não são ativamente guerreiras, suas crianças não brincam com fuzis e granadas como insistem mostrar as agências de notícias do ocidente.

O desenvolvimento de preconceitos não apenas encontra suas raízes nos imperialismos britânico e francês de dois séculos atrás, como se pode também afirmar que a inteligência no velho mundo mantém o espírito cruzadista: a identidade europeia se construiu em oposição ao Oriente e a história trabalhou para tal. Há mesmo uma incapacidade de olhar o Islã como uma religião entre outras. E esses pressupostos foram também decisivos quando se tratou de olhar à África "islamizada": agressiva. No contexto da 2ª Guerra, esse olhar viciado apegou-se a estigmas: a "África árabe" tornou-se a terra do inimigo infiltrado e a "África real", pagã e livre seria a merecedora de apoio.

Então, talvez o globo não esteja tão completamente desvendado, talvez a classificação dos povos em dois tipos não dê conta de oferecer bases para decisões políticas: certamente os modelos estão (e sempre estiveram) ultrapassados. Enfim, talvez a caracterização de "terrorista", "fundamentalista" ou "árabe" seja, hoje também, um desdobramento de vertigens do ocidente sobre si mesmo, ou dos Estados Unidos sobre si mesmos...

(graduada em História e estudante de Letras Árabes: USP)



## PARAGUAI

## A triste história da Mesopotâmia da América

texto e foto Yuri Martins Fontes\*  
(de Assunção)

"Assunção do Paraguai, 1829 - França, el Supremo

**Não há ladrões no Paraguai, a não ser debaixo da terra, nem há ricos, nem há mendigos (...). Ainda que todo mundo saiba ler, não existe nenhuma imprensa e nenhuma biblioteca, não se recebe de fora nenhum livro, nem jornal, nem boletim, e o correio fechou por falta de uso".** (Eduardo Galeano, *As caras e as máscaras*)

A simpática cidade de Assunção, hoje um tanto discreta e deslocada do cenário político-cultural sul-americano, foi, e não faz tanto tempo assim, a primeira, a maior e a mais desenvolvida metrópole do Cone Sul da América. Foi nos idos de 1537 que os espanhóis exaltados pelo sonho do El Dorado abandonaram aos desenhos da selva, o recém povoado porto de Buenos Aires, e partiram Rio da Prata acima para fundar o forte e porto avançado de Nossa Senhora de Assunção. Além de supostamente mais próxima do ambicionado ouro, a Mesopotâmia dos rios Paraguai e Paraná tinha terras férteis e clima ameno.

Contudo, logo o sonho dourado se desfez, ao menos para os exilados destas terras. Assunção caiu num período de isolamento. Havia sido feitos acordos com os chefes cários - os guaranis da região. Estes índios também tinham interesse no território inca do norte. Além disso, era interessante somar forças para se defender dos ataques dos ferozes guaicurus, habitantes do insópolo Chaco, terra vizinha de sul inclemente e invernos rigorosos, que se estendia do outro lado do rio. Era costume entre estas tribos ceder as filhas ou irmãs para que se casassem com os amigos, para que dessa forma criassem parentesco. Esta prática, somada ao sequestro e escravidão, levou a que cada invasor tivesse entre 10 e 100 mulheres. A distância da metrópole permitia muitas liberdades.

Tudo corria bem e os espanhóis não tinham do que se queixar naquelas terras que lhes proviam tudo. Até que em 1580 a coroa espanhola resolveu otimizar o caminho entre aos produtos da América e a Espanha. O comércio de algodão, milho, mandioca, madeira e da apreciada erva-mate, estava intenso. Parte então uma expedição descendo o Rio da Prata, para depois de mais de 40 anos, refundar o antigo porto de Buenos Aires, abandonado aos índios.

Passaram-se os séculos e Buenos Aires cresceu às custas dos impostos que cobrava do intenso comércio que transitava por suas portas. O Paraguai, no entanto, território que se tornara periférico aos interesses metropolitanos, continuamente seguia produzindo em suas boas terras. Já em 1811, consegue a independência, uma das primeiras da América.

Gaspar de Francia, *El Supremo Dictador*, assume o poder. Ilustrado racionalista, este homem tinha idéias tão geniais quanto absurdas. Perseguiu, matou ou expulsou toda a classe privilegiada e influente, ligada à Espanha, e que poderia abalar a soberania do país. Confiscou suas terras para o Estado, executando a reforma agrária pioneira da América do Sul. Confiscou todos os bens da Igreja de Roma e a nacionalizou. Inaugurou a indústria de cal e impulsionou a construção civil. Impôs penas pesadas aos delitos comuns. Em meados de 1830 já quase não havia analfabetos no Paraguai e não havia ladrões também, ao menos não sobre a terra. Também não havia ricos e nem mendigos em toda mesopotâmia paraguaya, e especialmente, não havia dívida externa.

Estas tantas conquistas despertaram, no entanto, a inveja dos grandes vizinhos Argentina e Brasil. A Inglaterra, além disso, não via com bons olhos tanta independência. Por esta época, Buenos Aires bloqueia a saída dos navios paraguaios para o mar. No Brasil, o congresso tupiniquim discursa em prol de se "libertar o Paraguai da ditadura". Os interesses aí eram as terras do sul do Mato Grosso. Por ironia, o atrasado e gigante Império brasileiro, ainda explorava um milhão de escravos.

Os conflitos se postergam com a morte natural do solitário e isolado despota Francia, enclausurado em seu país - conforme bem descreve a citação de Galeano. Ascende ao poder Carlos Antonio López, que estabelece acordos de paz com os vizinhos. Logo decide investir na industrialização, a partir dos lucros obtidos com a exitosa produção agrícola. Traz técnicos do exterior para implementar e copiar tecnologias. Paga tudo em mercadorias. À vista. Evita usar ouro. Continua sem fazer dívidas. Diferentemente, Brasil e Argentina já iniciavam a sua bancarrota histórica com empréstimos milionários junto a bancos ingleses. O Paraguai estava a um passo de uma revolução desenvolvimentista, de expandir sua indústria e ampliar a independência. Só lhe retardava as altas taxas que Buenos Aires então cobrava para liberar a passagem de seus produtos.

Porém, chegou-se a uma encruzilhada. O fato de o Paraguai possuir imprensa, telégrafo e ferrovias e fabricar produtos químicos, implementos agrícolas, pólvora e até navios - executando-se o motor - não era bem recebido pelo império de plantão. A rainha Inglaterra não admitia concorrência, pois já explorava seus proletários até 20 horas por dia. Uma crise poderia ter consequências violentas. Alguns começavam a se rebelar e organizar.

Em 1862, com a morte do presidente Lopez, assume seu filho, Solano, homem de muito orgulho, poucas palavras e nenhuma diplomacia. A nobreza brasileira, com interesses territorialistas, já há muito era assediada por intrigas fomentadas pela corte britânica. Em 1864, o Brasil invade a república oriental do rio Uruguai. Este pequeno país era aliado de Assunção e lhe facilitava o escoamento comercial. Estava declarada a guerra. No entanto, a tríplice aliança que se formou para arrasar o Paraguai, diferente do que nos ensinam na escola, era na verdade formada por Brasil, Argentina e Inglaterra. O governo uruguaio era, neste então, apenas um fantoche vinculado aos interesses anglo-brasileiros.

Em cinco anos o Paraguai foi destruído. Em Assunção, templos e até cemitérios foram pilhados. Cidades inteiras foram devastadas. O sul do Mato Grosso anexado ao Brasil, o território de Misiones, à Argentina. Jazia 80% da população masculina - 99% da população de homens adultos. Com vida, restou apenas um em cada quatro habitantes.

Nas últimas batalhas, o glorioso Caxias e outros valentes cães da nobreza (que até hoje mancham nossa história com seus nomes em avenidas e até mesmo cidades), trucidaram exércitos formados por mulheres, velhos, mutilados e até mesmo por crianças disfarçadas com barbas. Não fizeram reféns. O insano ditador Solano López não se rendeu e matou até mesmo seus generais - por medo de conspirações. Por fim, pefuraram-lhe o estômago com uma lança enferrujada de sangue.

As dívidas externas dos dois parceiros sul-americanos "vencedores" para com a cúmplice Inglaterra dobrou. A poderosa "aliada" europeia havia sido a única vitoriosa. Do Paraguai aniquilado sobreviveu, não obstante, um tesouro. O guarani, idioma ancestral ainda hoje falado nestas terras de entre rios. Língua onomatopéica e aglutinante que outrora se difundiu em grande parte da América do sul. Língua rica, de estrutura admirável e conceitos precisos. Língua que todos os paraguaios entendem e quase todos falam. De modo diverso do castelhano, que é desconhecido em algumas regiões rurais.

Até o presidente da república faz discurso em guarani. Mas também faz vista grossa à corrupção. O agora retardatário Paraguai, somente hoje inicia as reformas de Estado mínimo exigidas pelo FMI. Permitir a corrupção é pois necessário. Cabe frisar que este "atraso" neoliberal acabou por ser bom ao país, já que se não há tanto desenvolvimento hoje como o que havia há cem anos, e se Brasil e Argentina estão bem mais adiantados, tampouco se vê tanta miséria em Assunção, como a que se constata gritantemente em São Paulo ou Buenos Aires.

O Imposto de Renda foi aumentado em 10%, para que não haja perigo de atrasos dos juros da dívida externa. A universidade pública cobra altas taxas, especialmente nas carreiras de medicina e direito. A biblioteca de filosofia, história, psicologia, geografia, pedagogia e jornalismo da Universidade Nacional de Assunção cabe numa sala de aula. Entretanto, os estudantes estão mobilizados contra as cobranças. Têm, na capital, dois bons veículos alternativos de comunicação, os jornais *O Jacaré* e *O Mamangá*.

Também os sem-terra daqui estão ativos, fechando estradas e fazendo piquetes. Só o Paraguai tem mais concentração fundiária que o Brasil. E o atual presidente Duarte Frutos tem recebido doações milionárias de Taiwan, para projetos populistas de distribuição de terras - ainda que mais adiantados que os de Lula. Em troca, não se dá conta das fábricas de celulares clonados dos chineses capitalistas em Ciudad del Este.

E apesar de o país ser um dos maiores produtores e exportadores de energia hidroelétrica do mundo, o povo paga cara a conta de luz. E assim, a solução energética nacional continua sendo desmatar as últimas florestas para extrair lenha.

E assim caminha a humanidade.

## Luto

por Luís Seixas\*

Em luto. Sim, estou em luto. Moro numa cidade infeliz. Ao contrário do que alegam, São Paulo não é uma cidade de oportunidades, mas de oportunistas. Convergem aqui as mais vis e ignóbeis ideologias. Seus cidadãos são os mais reacionários, individualistas e desmemoriados.

Um povo extremamente infeliz.

Oxalá se acontecesse aqui como aconteceu em Macondo, a cidade do romance de Gabriel García Márquez, *Cem Anos de Solidão*. Mas talvez quatro anos de chuvas constantes não sejam suficientes.

A população paulistana, na sua maioria, é inconsciente dos significados que a tão enaltecida grandeza da cidade exprime. A imensidão desta cidade, cuja grandeza e impavidez é sempre uma alegre ressalva, implica num contingente inenável de pobres, miseráveis. As latínhas de Coca-Cola são fruto de riqueza, tanto para seus representantes comerciais, como para os catadores em estado de penúria. Ah, é claro, é também uma fonte de calor para uma classe-média, cuja maior preocupação são suas gordurinhas localizadas. Esta é a classe produtora de resíduos tóxicos, que duram tanto quanto a radiação de uma bomba de átomos, porém com potencial mais avassalador.

Mas essa cidade sempre encontra suas saídas, com seus jeitinhos. Toda e qualquer miséria pode ser contornada, seja com as plásticas - o Brasil é o segundo país do mundo em números de operações plásticas, perdendo apenas para os EUA - , seja com a blindagem de automóveis ou ainda os altos muros. A plástica, aliás, é característica fundamental de um povo que não aceita sua verdadeira condição nem suas raízes. Um povo que não suporta se olhar no espelho: um povo que quer, unicamente, mirar-se nos grande exploradores.

Talvez seja bom lembrar que este país foi fundado por um explorador e uma escrava. O explorador, Portugal, com um espírito de rato, formou a mentalidade de uma elite atada apenas aos interesses externos. Seus únicos interesses são o de "bem servir, para servir sempre", aos estrangeiros. Todavia, as escolhas são bem ponderadas, afinal se é para servir, que seja a estrangeiros importantes: primeiro a Inglaterra, depois os EUA. A escrava, África, está lá, jogada, imersa num eterno conflito. Seus povos, fragmentados por divisões geométricas feitas pelos exploradores europeus, matam-se uns aos outros com armas que são vendidas pelos países mais ricos do mundo.

Uma população que tem vergonha em assumir sua pobreza, veste-se com o manto da riqueza, sufocando assim a única coisa que poderia mudar sua categoria: a autonomia histórica. O brasileiro não quer fazer história, quer apenas observá-la, como um telespectador de um *big brother* qualquer. A população de São Paulo será, nos próximos quatro anos - e é provável, nos quatro seguintes - espectadora da retomada das ações de seus exploradores. Quinhentos anos agonizando é pouco se o doente nega sua doença.

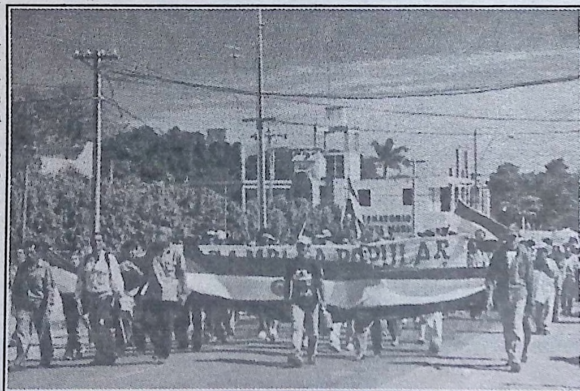
O que esperar de uma cidade fundada por um padre, que se "amigou" de João Ramalho, um assassino? O que esperar de um povo cujo orgulho maior é o fato de não ter sido escolhido, mas ter escolhido seu dominador?

Parabéns, paulistano, por mais quatro anos de subserviência e dominação. Parabéns, São Paulo, a cidade que nunca dorme no ponto.

Chavito, espere hermano! Asila-me, asila-me!!

\* [filósofo e engenheiro] yurimf@usp.br

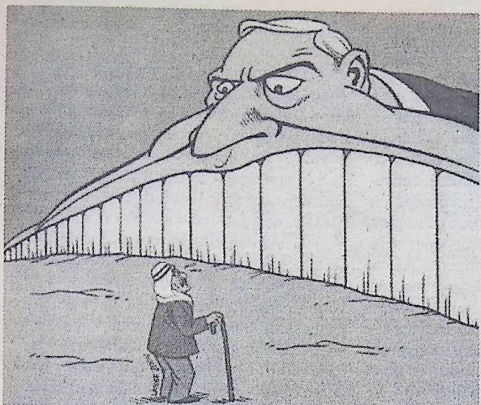
\* [filósofo pela USP e cronista]





## "Muros del tiempo"

Por: Waldo Lao\*



Cuando el Muro de Berlín cayo, derrumbo límites y utopías. Sin mas obstáculos ni miedos visibles, miles de personas pudieron circular libremente por los rincones de su país. Esta circulación ilimitada trajo consigo profundas transformaciones para el este de Alemania. Las inversiones millonarias por parte de las empresas del sector automotriz, aceleraron sustancialmente la economía de mercado, generando un desenvolvimiento que hace mas de 10 años solo trae consigo mas desventajas que ventajas. Debido a que en la parte oriental, la desigualdad social, aunada a los grandes índices de desempleo, son reflejo de un proceso de emigración continuo.

Quince años mas tarde, la absurda teimosia, que acostumbra disparar elocuentes discursos de paz y democracia. Construye nuevos muros por el mundo, algunos visibles, otros imaginarios. Como el que se construye en la Cisjordania, un muro que al extenderse les pone por cielo un concreto atardecer a los Palestinos. Esta kilométrica separación, además de arrebatarles sus tierras (aproximadamente 170.000 dunums), les impide el acceso a los diferentes servicios humanitarios. Dificultando cada vez mas las relaciones socioeconómicas, aislando a los pueblos de sus comunidades y restringiendoles el acceso a las ciudades mas proximas tal es el caso de Salfit, una ciudad que niquiera cuenta con un hospital propio.

Hay otros muros, que pese al tiempo y a las cifras de mortandad anuales, se vuelven serpientes eternas, como el muro que dibuja siluetas fronterizas por los siete candados que ciegan al norte de la República Mexicana. Un muro que no se limita a los pies de un extenso desierto, sino que cruza las arenas del mar Atlántico, por él, solo son las mercancías las que pueden circular libremente, las manos que las hacen por salarios raquíticos quedan con el riesgo a perder la vida. Pero queda claro que, por mas altos y extensos que los muros sean, no son impedimentos para un pueblo que necesita buscar en otros suelos lo que en su patria no

puede encontrar. "siempre buscando un mañana incierto". Se calcula que mas de 330 personas mueren anualmente tratando de llegar a los E.U.A. Desde que Vicente Fox asumiera la presidencia en el 2001, mas de 650 mil mexicanos han cruzado la frontera.

Tambien existen los muros que son silencio, los que por mas que busquen voces, solo tiene por respuesta el olvido y la amnesia. Asi hay muchos que se extienden por lo largo del Africa, de

la India, del Medio Oriente y demas continentes. Dejando en su paso una larga bandera de hambre y vacios históricos. Estos muros son los que por nombre tienen la pobreza y el racismo del mundo.

Y otros mas, que no parecen tener por limite la desigualdad, que aparecen como incontables enredaderas ciegas. Estos tienen por sustento ideológico al neoliberalismo, y su función es la de imponer, privatizar naciones, rompen patrimonios y hacen olvidar la única memoria en nombre del consumo.

Hay otros, que al envejecer sofocan, restringiendo cada vez mas sus límites a la boca de un pueblo. Estos son los bloques imaginarios, como el bloque económico y financiero al que Cuba resiste hace ya 45 años.

Pero también estan aquellos muros que son voces, aquellos que nada tienen que ver con la necesidad del olvido, sino con la necesidad de no olvidar lo que merece memoria, de hacer voces las palabras. Son los muros que nacen de las manos de nadie pero de las voces de todos. Sobre estos instrumentos de prensa popular, los voceros del hambre no se quedan callados, y registran con tinta y tiempo, los testimonios que los medios de comunicación siempre suelen callar. Estas frases, se muestran día a día, cara al sol, a miles de personas que los cruzan por puentes y calles. En alguna pared se puede leer:

**"Si el F.M.I pone el dinero, Latinoamérica pone la pobreza".**

Hay otros que se inventan cada momento, son aquellos que guardan secretos, que como pequeños poemas e historias, se van haciendo libros anónimos entre los árboles y las veredas. Los autores, son amores y efímeros encuentros. Estos pequeños poemas, deciden tener por dueños a todos aquellos que los necesiten.

\* [Estudiante de Antropología (ENAH) México  
waldo\_lao@yahoo.com]

## Reserva Indígena Krahô

texto e foto Renata Mourão\*

Setembro de 2004, 42°C. Época de seca no cerrado, Nordeste do Tocantins. Paro no centro do pátio principal da Reserva Indígena Krahô. Olho o sol e calculo ser meio-dia, respiro fundo e entre meu corpo, sinto o cheiro do urucum e do genipapo que pintam de vermelho e preto minha pele. Observo silenciosamente a meu redor. De repente chega Generosa Ihprep e me convida para conhecer a aldeia e a roça que está formando com sua família. Pergunto sobre o nome, ela responde " - Água Fria". Após alguns sorrisos ela torna-se séria, tomando rapidamente a frente do caminho, subimos uma ladeira muito íngreme, de areia branca que se enrola em nossos pés, o calor faz com que meus olhos se ofusquem. Finalmente chegamos a aldeia, apenas tem duas pequenas casas, uma olhando na frente da outra. Uma jovem índia soca alguma coisa no pilão. As crianças correm timidamente ao nosso encontro, trocando olhares curiosos e para minha surpresa há cachorros, maritacas, raposa. Raposa? Sim, ajuda na caça, homem de grande sorte que achou.

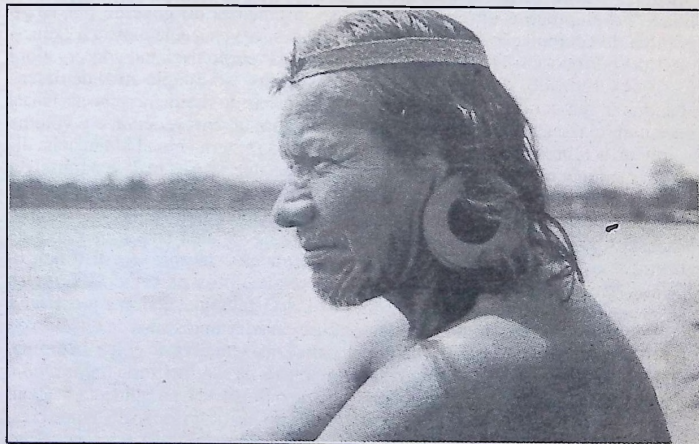
Fumamos um cigarro de palha com a irmã e a mãe de Generosa Ihprep: com as crianças e seu marido nos dirigimos para a roça. Após cruzar uma longa faixa de cerrado, vejo todo o morro queimado. É assim mesmo, é a roça velha. "na chuva de verão, terá muuuuuita coisa para a gente comer" (os krahô sempre afinam a voz e alongam as palavras quando querem acentuá-las). Continuamos até a beira do rio onde fica a nova roça. Sentamos e comemos cana, mamão, banana e algumas frutas que desconheço. As crianças dizem algo que não entendo, tiram a roupa e pulam n'água. Pulo atrás. O mais velho corta três troncos de bananeira, olha para mim: "uma

canoa só pra você, as outras para nós". Ainda tímidos, brincamos de corrida, enquanto isso Generosa e o marido colhem frutas. Os pequenos se penduram no meu pescoço, gritam, berram. Um êxtase torna-se água entre nós, o barro veste nossos corpos, com ele fazemos bonecos e panelinhas. De volta à margem, enchemos as cestas com mamão, o peso é grande mas todos penduram a alça na testa deixando a cesta nas costas. Tomamos o caminho de volta, ao chegarmos olho para as crianças e elas correm em direção a casa, o ar da aldeia nos volta a ser estranhos. E na casa todos conversam, me sento no chão e sem querer escuto algumas palavras que me remetem à cidade, como: caminhão, chiclete ou ocupação, essas são os reflexos do processo de aculturação.

Olham-me e dão risada, até que pergunto se eu não gostaria de casar com um *mehin* (índio). Em seguida pergunto se já fiz *cumin* (sexo), e se não gostaria de fazer com algum dos rapazes. Um silêncio nos invade, depois dão gargalhadas. Generosa Ihprep diz que é tempo de irmos embora. Levamos as cestas, seu marido o facão. De volta a reserva, no caminho um galho entra no meu olho que fica lacrimejando. Ela pede que eu abaixe, enquanto isso pega uma folhinha bem nova e verde, aperta o peito e enche a folha de leite. Joga um pouco em meu olho. Como eu poderia dizer não? Melhor. Chegamos à reserva e eles somem rapidamente.

Volto ao centro do pátio central, onde tudo começou, acendo um cigarro de palha. As sensações e imagens ficam girando na minha memória, trato de entendê-las. No próximo dia uma música me desperta: os sorrisos das crianças.

\* [Estudante de Ciências Sociais/USP]



Índio Krahô



# O Brasil de Jango

por Chahrazed Morengi\*

Os longos 20 anos de ditadura militar jamais nos deixarão esquecer de todos aqueles que em nome da liberdade, foram calados, acharcados, humilhados, excluídos, banidos torturados da forma mais brutal. Em nossas mentes permanecerá a dura lembrança do que significa viver num país periférico controlado por uma elite subordinada aos interesses do imperialismo.

O ano novo de 1964 começa como um pesadelo. Gente atrelada ao Itamaraty comunica ao presidente João Goulart que seria declarada a falência do Brasil pelos estadunidenses, se não houvesse modificação da estratégia política brasileira. A segunda fase do governo de Jango é executada sob o regime presidencialista, entre janeiro de 1963 até o Golpe de 1964. A sua atuação política é marcada por contradições política-econômicas. Enquanto busca estreitar alianças com o movimento sindical e setores nacional reformistas, o presidente procura implementar uma política de estabilização baseada na contenção salarial.

Apesar dos contrastes é durante o mandato de Goulart que os trabalhadores urba-

nos e rurais se fazem ouvir através de manifestações em praças públicas, nas quais reivindicam direitos como o 13º salário. Buscam oportunidades e apoio às transformações de antigas ligas Camponesas em Sindicatos Rurais. A politização cresce entre as massas mais exploradas, as necessidades de mudanças tornavam-se mais evidentes e as reivindicações, ao mesmo tempo, constantes.

O desabrochar de idéias dava-se não apenas entre a classe dos trabalhadores, mas também entre estudantes, intelectuais e artistas. Em 1964, entram em cartaz clássicos do Cinema Novo Brasileiro, *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, de Glauber Rocha; *Os Fuzis*, de Ruy Guerra e *Vidas Secas*, baseado na obra de Graciliano Ramos. Nasce ainda, pelos movimentos culturais alguns frutos de uma política incentivadora que vinha sendo aplicada por João Goulart, como o *Teatro de Arena* e o *Oficina*, o *CPC* (Centro Popular de Cultura), e o concretismo nas artes plásticas e na poesia.

O ministro do planejamento do governo Goulart, Celso Furtado elabora o "Plano

Trienal de Desenvolvimento Econômico e Social", o qual tinha como objetivos manter as taxas de crescimento da economia e a redução da inflação. Junto ao plano de governo são determinados os passos para a realização das "Reformas de Base". As reformas visavam modificações nas áreas agrária, urbana, educacional, tributária, administrativa, eleitoral, universitária, bancária; e, sobretudo, haveriam mudanças no trato com as empresas transnacionais, para que o Brasil deixasse de ser dependente e condenado ao mercado estrangeiro. As reformas também pregavam a democratização e acesso irrestrito às terras, a reavaliação das condições de moradia nas grandes cidades, a ampliação da rede pública de ensino, a distribuição igualitária de renda, o enxugamento da burocracia e da corrupção em repartições públicas, a condição de todo cidadão brasileiro ser eleitor ou elegível e a edificação de universidades que promovessem o desenvolvimento nacional autônomo.

A burguesia brasileira sentia que as mudanças ameaçavam a letárgica ordem

estabelecida, pois o governo e sua proposta de crescimento com distribuição de renda visava alcançar a soberania do país através da diminuição da dependência externa. Amedrontada, a classe média manifesta-se contra às reformas de base, buscando o apoio do governo norte-americano. Deste modo, o presidente Lyndon Johnson ordena a organização e financiamento do golpe para derrubar João Goulart.

Diversas falácias são cometidas contra o governo brasileiro, dentre elas, comenta-se que a inclinação comunista de João Goulart levaria o país à ditadura. Com o suporte financeiro ianque dá-se início às campanhas milionárias de difamação do governo, que são amplamente veiculadas por jornais, rádios e por meio da televisão; e têm, como objetivo, apavorar ainda mais a burguesia. É é com o decisivo apoio dessa "na famosa "Marcha da Família com Deus pela Liberdade" - que os militares encamparam a ideologia do "perigo comunista" num povo sem consciência e memória política para refletir sobre a vil propaganda da direita fascista.

\* [geóloga]

## A ditadura e a consolidação da desigualdade social

por Cassiano Novais\*

Ao contrário da ditadura de Getúlio (1930-45), a nova versão não teve caráter populista, ou seja, não foi baseada numa ampla aliança de classes. O "populismo" getulista, apesar de desmobilizar os sindicatos, e outras organizações populares, com a tutela destes ao Estado intervencionista, foi o regime que instituiu alguns direitos trabalhistas que a partir de 64 começaram a ser perdidos, processo que se estende até hoje.

Os militares optaram por um crescimento com alto endividamento externo, e a custa da diminuição dos salários reais e perda de direitos trabalhistas. A instituição do FGTS no lugar da estabilidade do emprego é um exemplo da política de acumulação forçada de capital do período 64-84. Para que isto fosse concretizado, o Estado teve de abandonar seu caráter de "árbitro" da guerra de classes, e voltar novamente a aplicar a repressão mais desumana contra qualquer opositor do sistema.

O intervencionismo estatal na economia teve como objetivo completar a instalação das indústrias de base no país, via empresas de capital público, financiadas com endividamento externo - dada a alta liquidez internacional de divisas, o governo podia sempre sustentar o processo de acumulação se endividando cada vez mais. As empresas privadas, principalmente transnacionais, foram as grandes beneficiadas pois abocanharam a maior fatia do mercado de bens duráveis (carros, etc) e não-

duráveis.

Foi assim que o militarismo tupiniquim se rendeu tão facilmente ao poder do capital financeiro internacional em ascensão. Nossas elites, subordinadas no jogo de interesses mundial mais beneficiadas no processo de pauperização dos trabalhadores, carregadas de preconceito em relação ao seu próprio povo, entregaram a riqueza nacional bem na frente de "um povo tão distraído, sem perceber que era subtraído em tenebrosas transações", como a música falou.

Hoje, o temor de uma volta ao sistema totalitário nos países da América Latina enfraqueceu, e a retomada quase instantânea do governo por Hugo Chavez na Venezuela mostra a caducidade da reação nacional conservadora das armas. No estágio atual de desenvolvimento do sistema, as transnacionais atingiram tal envergadura, e o volume da dívida externa mundial tamanha dimensão que já não mais é admissível por parte do capital, intervenções governamentais significativas no sentido de promover uma taxa importante de crescimento - mesmo sem distribuição de renda - nos países do "Terceiro Mundo", fato que ajudou a justificar à classe média tantos anos de ditadura no país. Uma tentativa de golpe da direita, num país da semiperiferia (citar autor) como o Brasil, não arremeteria apoio da classe média ao longo do tempo pois, dada a vulnerabilidade externa - o governo precisa pedir dinheiro empresta-

do para pagar o empréstimo que já fez - colocada pela enorme camisa-de-força que se configura hoje para o crescimento econômico mundial, a sociedade como um todo sairia prejudicada. Já num país como a Venezuela, a história demonstrou há pouco. Num país muito pobre, um governo eleito pelo povo, e que governe para a classe trabalhadora, tende a ser apoiado com toda a força pela população pobre em caso de golpe militar, já que este não mais acena como a panacéia da "ordem" e "progresso".

E é neste ponto que encontramos outra falha estrutural no funcionamento do sistema. Havia possibilidade objetiva de golpes militares apoiados e financiados pelos Estados Unidos. A ameaça do comunismo, a temida "socialização da miséria", pelas classe médias, etc, respaldavam a reação conservadora ao menor sinal de avanço do movimento social. Porém, após a implosão da União Soviética, e a vitória da ideologia do "pensamento único", o avanço do "capitalismo moderno" representado pelos Estados Unidos relegou os Estados nacionais latino-americanos ao papel de administradores da misé-

ria. Estados militares fortes e protecionistas não são mais admitidos no cassino mundial.

Esta nova relação entre Estados nacionais depauperados e reféns do sistema financeiro e a crise estrutural de acumulação do capital é significativa pois nela reside uma das contradições explosivas do modo de produção capitalista atual. Um golpe militar só aprofundaria os conflitos sociais, mas ao mesmo tempo a crise estrutural e o aprofundamento da desigualdade exige governos mais e mais repressivos a fim de conter o movimento social em ascensão.

\* [estudante de economia]  
cassiano@terra.com.br





# Tapajós: exploração mineral e miséria social

texto e foto Jonas Mota e Silva \*

Floresta de exuberância encantadora e assustadora ao mesmo tempo, a Amazônia constitui, de longe, a maior floresta tropical do mundo. Nela pode-se constatar a maior variedade de espécies do planeta, dentro de um mesmo nicho ecológico, onde plantas e animais únicos convivem em harmonia ecológica sobre um substrato rochoso misterioso, escondido abaixo de uma espessa camada de solo. Geólogos desconfiam que nas porções de rocha mais antigas (Pré-Cambrianas) se esconda uma imensa riqueza mineral que inclui ferro, manganês, ouro, cobre e, porque não, diamante, prata, platina, chumbo e zinco.

A região da floresta é imensa (seu espaço da quase uma Europa de tamanho), e é formada por regiões de características ecológicas, culturais e geomorfológicas totalmente distintas umas das outras. Desde que os militares tomaram o poder com o golpe de 64, desenvolveu-se uma política de levar o progresso e a qualidade de vida ao povo da floresta. Assim, nasceu uma idéia que, desenvolvida de maneira desplanejada e depredatória, abriu estradas e levantou edificações, que hoje, ou estão abandonadas ou são utilizadas quase que somente para o transporte de madeiras.

Faz-se necessário, portanto, a execução de diferentes planos de manejo, visando à integração do povo local - índios, seringueiros, garimpeiros, ribeirinhos e moradores das cidades - com os benefícios econômicos da floresta, sempre, é claro, priorizando a preservação dela perante o chamado "progresso". Entretanto, não é o que acontece, pois vivem em condições, muitas das vezes, sofríveis, sem usufruir de imensa riqueza gerada com a exportação de madeiras de lei, com a patente de plantas/ervas utilizadas em alimentos e com fins medicinais, ou com a exploração dos recursos minerais do subsolo.

O garimpo teve seus tempos de glória nas décadas de 70, 80 e começo dos anos 90, mas hoje se vê a pobreza disseminada neste meio. Currutelas, barrancas e balsas abandonadas são visões comuns para quem viaja pela região do Rio Tapajós. Após explorar quase todo ouro presente em fundos de rio, aluviões e barrancos (cascalheiras ou de deposição fluvial), o garimpeiro foi forçado a iniciar a exploração de ouro primário. Abrindo poços e galerias seguindo veios de quartzo em solo de alteração de rocha e, extraindo um ouro muito menos lucrativo do que aquele retirado do leito do rio, o garimpo vê-se quase morto; enquanto isso, empresas de mineração arregalam os olhos à possibilidade da abertura de mineração em rocha fresca.

Bem como já acontece no Quadrilátero

do Ferrífero, hoje na região do Rio Tapajós sofremos com a invasão das empresas transnacionais que usurpam de nosso patrimônio nacional. Ao menos três das maiores empresas de mineração do mundo estão por lá, enxergando a possibilidade de lucrar muito numa das poucas áreas de desconhecimento geológico do planeta. Caberia ao governo brasileiro gerir tais questões, uma vez que todo empreendimento mineiro passa pela aprovação do Departamento Nacional de Pesquisa Mineral - DNPM. É desse órgão, portanto, a obrigação de proteger nosso subsolo e dar as regras nos acordos com as companhias interessadas.

Com o agravamento dessa situação te-



galerias subterrâneas para retirada de ouro em empresa de mineração australiana instalada no Tapajós.

remos um disparate socioeconômico na região, onde mega-corporações estrangeiras lucram rios de dinheiro, enquanto a população local não compartilha do lucro, da tecnologia ou do conhecimento gerado. Apenas uma pequena parcela do povo envolve-se com o empreendimento, e são utilizados como mão-de-obra barata nas plantas, cavas ou galerias de mineração montadas. Esta desigualdade, aliada à um contexto ecológico e fisiográfico único, faz da região um ambiente propício de revolta de guerrilha. Como sabemos, as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia - FARC - controlam, há 40 anos, boa parte da área florestal da Colômbia, fornecendo uma vida mais digna a seus cidadãos camponeses. Olhando por essa ótica, observo na Amazônia um imenso potencial para desencadeamento de uma ruptura, onde os empresários internacionais iam ser os primeiros a correr. Pela libertação da Amazônia e de seu povo!

\*[geólogo]

jonmota@terra.com.br

# Plano de Lei do Ato Médico: Vide Bula

por Mariana S. X. Antunes \*

“- Foi só tomar um comprimido e a dor... sumiu! Como num passe de mágica o DOTÓ me curou. Cinco minutinhos que me viu... depois dos quatro meses de espera no SUS. Simplesmente passou, e eu não preciso nem saber o que é a tal de “nêusia” que o DOTÓ disse que eu tava. O mulézinha que dá trabalho. E agora, toda vez que ela volta, eu tacho um comprimidinho. Lá no meu bairro tá todo mundo usando... pra “nêusia”, dor nas juntas, ressaca, nervosismo... é bom até para mordida de inseto!”

**Composição**  
Tramita no Senado Federal o Projeto de Lei nº 25/2002 que se refere à “Lei do Ato Médico”, de autoria do ex-senador Geraldo Althoff (PFL-SC) sendo aprovado pelo Senador Tião Viana (PT-AC) da “Comissão de Constituição, Justiça e Ci-

complexo do que está sendo tratado. Uma mudança quase paradigmática que deveria envolver a reformulação de toda a LDB e do sistema funcional da saúde.

## Contra-indicações

Pela LDB e sua regulamentação, existem diretrizes curriculares que definem perfis profissionais e competências da prática profissional à formação universitária. Questionar a necessidade de uma pré-avaliação e determinação médica para posterior encaminhamento a uma dessas áreas é subestimar o exercício de 13 categorias profissionais validadas por esse mesmo órgão que as regulamentam. Suprime dos profissionais de saúde a competência técnica e legal de exercer sua profissão. Uma lógica contraditória que descaracteriza outras profissões, com conhecimentos, competências e limitações profissionais tão específicas em suas atuações quanto a Medicina.

## Reações adversas

A proposta do Projeto de Lei rompe com os conceitos de saúde incentivados pela Organização Mundial de Saúde, que enfatiza a instauração de um sistema multi-profissional, em detrimento a oferecer um tratamento hospitalocêntrico, patologizante e assistencialista, que não encontra respaldo nem nos órgãos internacionais de saúde, nem na legislação brasileira. Reduz a atenção à saúde e, conseqüentemente, o seu conceito, a procedimentos médicos, centralizados na doença. Desta forma, também inviabiliza diversos projetos de saúde pública, como, por exemplo: o programa de saúde da família, casas de parto, segurança alimentar, dentre outros. Retrocede a um modelo monopolizador que não considera o ser humano como um todo em suas especificidades. Subestima a capacidade do indivíduo de exercer seus direitos de conhecimento sobre si mesmo, sobre os dispositivos científicos desenvolvidos em prol de sua saúde, e de usuário do sistema de saúde à livre escolha do profissional que irá atendê-lo.

## Prognóstico

O conceito de saúde vai muito além da ausência de doença; seu tratamento é muito anterior ao aparecimento do sintoma; e o ser humano é muito mais do que um paciente.

Não acho justo que sejam feitas “vistas grossas” a uma tentativa de endossar legalmente interesses corporativistas que reduzem a saúde nacional em cifras monetárias dirigidas para o bolso de detentores do conhecimento. Mas a vida não é justa mesmo e por isso escrevo meu profundo incômodo com o “pouco incômodo” que este Projeto de Lei causa em nossa sociedade.

O movimento contra o “Plano de Lei do Ato Médico” está acontecendo, mas tem pouca representatividade junto aos meios de comunicação de massa. Como se o interesse fosse apenas das classes profissionais envolvidas. O ser humano, reduzido em paciente, se tornará cada vez mais passivo dentro do seu espaço de direito como cidadão. Pois que tenha paciência ou terá que se inventar outro comprimidinho para a “nêusia” de não saber como e porquê vive numa sociedade que é legalmente doente.

\* [Psicóloga]

marianaserafim@hotmail.com



# A Feminização da Miséria

por Ivan Leichsenring\*

O Texto dos fins do século XX era e ainda é o da impossibilidade de escrever frente à uma cultura forjada pela imagem prazerosa da beleza e do sexo.

O capitalismo em seu modelo neoliberal propõe e impõe uma cultura de sexo massificante para todos. Daí a propagação do tema em textos escritos, visuais e auditivos e através das indústrias da beleza e vestuário. Consequentemente, a banalização da sexualidade não é por acaso. Em grandes capitais subdesenvolvidas e em grandes massas humanas de migração e em penúria como São Paulo e a Cidade do México, é fato as precoces iniciação sexual e gravidez de crianças e adolescentes, principalmente nas classes sociais mais baixas.

Por outro lado, a supervelocização de necessidades individuais, em que o consumo sexual deve ser satisfeito, em qualquer instante - desde que paguemos por mais este serviço -, empobrece as relações humanas. Cabe afirmar que a explosão do mercado sexual se intensificou a partir de 1968, apelando de modo permanente ao que é novo e que obrigatoriamente deverá ser consumido para que tenhamos uma personalidade ímpar. Esta suposta liberdade cabal de ir e vir foi assim adquirida, quando a posição hedonista - por sua busca do prazer imediato - foi associada à moda e ao sexo fácil, e atado à aparência e promoção da auto-imagem que cada um tem de si mesmo (o narcisismo); quando se facilitou desarranjos matrimoniais; e a figura do indivíduo sobrepôs a da coletiva.

Pela natureza do sistema capitalista, emissor para consumo produtos atados ao prazer particular, criou-se toda uma cultura de fetiche, em que o sexo ou a sua imagem deve e é vendido. Desta maneira, percebe-se a veneração de mercado em torno da homo e bissexualidade (em especial a feminina), como a moda heterossexual "Lesbian Chic" e o grupo musical russo "Iêshico" T.A.T.U.: como o crescimento de recintos de troca de casais; e, ainda, de produtos destinados a esse público. Isso explicado, fica fácil entender a visão deturpada e bárbara da população mundial consumidora de sexo ante países tropicais, cuja ideia é de povos primitivos, e por isso, mais sensuais, sexualizados e viris.

Por seu caráter transnacional, a indústria para fins de escravidão trabalhista ou sexual, tornou-se a nova ordem econômica do século XXI. Apesar da suposta globalização econômica, todos os anos, no mundo inteiro, milhares de vítimas são escravizadas pela Criminalidade Organizada Internacional - COI. Com o denominado "Desenvolvimento Sustentável" e o "maravilhoso" crescimento capitalista entre as nações soberanas, a selvageria em relação aos oprimidos se fortalece e impera através de formas históricas de exploração dominante: o sistema patriarcal, a religião, o FMI, a fome, a redução de direitos trabalhistas, o *apartheid* racial e social e a xenofobia.

O COI, representado hoje - particularmente - pelas grifes Yakusa, as Tríades Chinesas e a Máfia Russa, bem como pelas máfias menores israelita, espanhola, búlgara, mexicana, turca etc, se vale do turismo, da ausência de perspectivas melhores de vida dos cidadãos e da Internet para vender humanos; e, apóia-se na cumplicidade de algumas autoridades e representantes civis em diversos países, na convivência das agências de empregos, e na precária fiscalização de funcionários de aeroportos e de fronteiras.

Segundo dados da respeitada ong ECPAT (*Prostituição Infantil na Ásia com Finalidade Turística*), que luta contra o tráfico de pessoas,

trata-se de um negócio muito mais rentável do que o tráfico de drogas e o de armas. O COI lucra anualmente em torno de 6.7 bilhões somente no continente asiático, porque o ser humano é um produto eternamente renovável, vendido e revendido por décadas seguidas para donos diversos. Para a própria ONU, em 2001, apenas o tráfico humano para fins sexuais movimentava uma soma um bilhão de dólares/ano no mercado internacional.

Com o advento da AIDS, a situação piorou. Hoje, o tráfico sexual busca seres humanos cada vez mais jovens, porque o risco de infecção é

balhistas no campo ou na cidade, pela privatização compulsiva que submetem o país à precariedade do trabalho informal e ao trabalho escravo. Se se pensa somente na crise do trabalho, não podemos pôr de lado a desigualdade social, o abandono municipal, estadual e federal de suas funções gestoras perante o povo, responsáveis pelas migrações e imigrações em massa. E é neste contexto de miséria que proliferam as rotas de tráfico sexual, que nos dias de hoje - pelos dados do governo federal - são em torno de 150 em todo o território brasileiro, cuja atuação é mais marcada no Norte e Nordeste (como as capitais Belém, Recife, São Luís e Fortaleza), tanto em domínio nacional quanto internacional, seguidos pelo Sudeste, Centro-Oeste (Goiânia) e Sul. Como se não bastasse, esse tipo de tráfico está impregnado de conservadorismos e tabus no que toca a sexo, além de sua criminalização. No entanto, qualquer brasileiro é constantemente estimulado ao sexo através da nudez total ou parcial veiculada nos meios de comunicação de massa e outros.

A situação feminina no mercado de trabalho, ainda que com algumas mudanças restritas - em cidades como São Paulo, por exemplo - prossegue iguais: a remuneração é sempre menor. Segundo o Centro de Referência, Estudos e Ações sobre Crianças e Adolescentes (CECRIA), a despeito da elevação do número de mulheres chefes de família, numa separação de casal, em geral o homem brasileiro se livra de qualquer responsabilidade para com os filhos. Em países extremamente patriarcais, pobres, prebendários e racistas como o brasileiro, a renda econômica varia bastante conforme a classe social e a cor do indivíduo. Num censo do IBGE de 2000, admite-se que as famílias brancas recebem os maiores salários em relação às famílias negras ou pardas. Já nestas últimas, suas mulheres, sobretudo com baixo nível escolar, ocupam postos de trabalho frágeis: são assalariadas sem carteiras de trabalho assinadas.

Assim sendo, são essas brasileiras, bem como seus filhos, coletados ao tráfico sexual interno e internacional por meio de promessas de melhoria das condições de vida, de rápido enriquecimento e de facilidades na obtenção de objetos de consumo amplamente divulgados (para não dizer impostos) por meio de mídias. As vítimas são angariadas, pois, através de anúncios em jornais e revistas ou panfletos distribuídos nas ruas para empregos, em geral humildes: além disso, são também aliciadas por intermédio de parentes, amigos e conhecidos. Deste modo, o COI atua em meios de grande circulação de capital e de capital humano, tais como centros comerciais, centros de entretenimento e lazer musical, agências de viagem, de casamentos e de moda, praias etc. Agem também em locais cuja moral social e os bons costumes civilizatórios condenam: vias públicas e casas de prostituição.

Enfim, é a feminização da miséria, explorada e capitalizada, reificada como bem de consumo, que mostra ao ser humano alfabetizado ou não, o vazio de sua própria existência, na qual a verdade e o contexto seriam apenas frutos de uma construção lúdica sexual entre imaginário e realidade.

Equador

## UN PECADO DE LESA CULTURA

por Hernán Crespo Toral\*

Vivimos en una época terrible y maravillosa. Los adelantos científicos y tecnológicos nos deslumbran. Muchos de ellos han contribuido para el bienestar de millones de personas. Sin embargo, sabemos que, por desgracia, hay otros miles de millones de seres humanos que viven en la miseria, en el padecimiento y en el abandono. La Era de la Comunicación nos pone al tanto de lo que sucede en la antípoda y podemos constatar con horror que las guerras no tienen fin, que enfermedades como el SIDA arrollan a naciones enteras, que la malaria atribula a la gran mayoría de los países del África Subsahariana. Todo ello no ha provocado, como debería, la solidaridad entre las naciones, la lucha por la justicia, por la mejor distribución de la riqueza.

Vemos con asombro como la primera potencia mundial lleva a cabo una guerra injusta que ha requerido ya miles de millones de dólares, quizá los suficientes como para amenguar la pobreza en el mundo. Los Estados Unidos además de proceder sobre premisas falsas para lanzarse a la guerra - violando todo principio de ética y mediante una alianza ilícita con ciertas naciones del llamado "mundo occidental y cristiano" - ha provocado inmensas pérdidas humanas y ha arruinado gran parte de la infraestructura del país al que atacaba. No sólo eso sino que vio impasible como los bienes culturales de Irak eran saqueados y violados. Ante el robo de más de 10.000 piezas del Museo Nacional y la destrucción de otros museos, monumentos y bibliotecas, ha permanecido impasible. Recordemos que en territorio de Irak, según la Historia Sagrada, Dios creó al primer hombre y a la primera mujer entregándoles el paraíso terrenal y fue en Ur de Caldea donde nació el patriarca Abraham, padre de las tres grandes religiones monoteístas. Y fue allí donde se desarrollaron altísimas culturas como la sumeria y la babilónica. Alguna de las bases militares instaladas por los estadounidenses se sitúan en las proximidades de los más excelsos monumentos y han producido ya daños irreversibles. Pero la acción vesánica de la gran potencia continúa sin que mengüen las destrucciones indiscriminadas a pesar de las protestas del mundo que observa indignado esta guerra interminable. Ante la soberbia de los EUA de nada sirven las Convenciones Internacionales aprobadas por organismos de las ONU, como la de la Haya para la Salvaguarda de los Bienes Culturales en caso de Conflicto Armado, patrocinada por la UNESCO y que cumple justamente 50 años. En ella se señala que la potencia ocupante debe impedir "toda exportación o transferencia ilícita de los bienes culturales", así como cualquier acción que ponga en riesgo el patrimonio monumental del país ocupado.

Es lamentable que cuando la Humanidad ha alcanzado cimas tan importantes en el campo de la ciencia y de la tecnología, cuando se libra una lucha sin cuartel en los cuatro puntos cardinales para el respeto de los derechos humanos, en fin, cuando creíamos que la construcción de la Paz era posible, la mayor nación del mundo, destruya la esperanza en un mundo más justo y humano.

\*[bacharel em Linguística - USP]  
ivanmfl@yahoo.com.br

\*[Ex-Director General adjunto para la Cultura - UNESCO]  
Correl: h.crespo-toral @ andinanet.net



# Metendo a Boca

(A 2ª Edição de Geração Descolada)

Texto e foto: Xico da Silva \*



É isso aí pessoal. Eu sou assim. Não deixo gozar na cara. Falem mal, mas falem, gritem, leiam, atentem, gozem. E como o público pediu - entre flores e bombas, vem aí a 2ª Edição de *Geração Descolada*.

Elogios e desavenças chegaram à redação. Muitas mensagens se mostravam desconsoladas com a dúvida: sou ou não sou descolado?

Portanto resolvi, neste segundo capítulo, refletir sobre a questão com mais precisão. E nada melhor que as enormes possibilidades do cinema pra ilustrar esta tribo tão comum nos dias de hoje, cultuadora do óbvio e contagiosa.

Cena 1: Externa, no interior de Minas Gerais: botequim do Seo Zé, Seo Zé, garota descolada e eu.

Longo após o Encontro Nacional de Comunidades Alternativas, os defensores da "vida natureba" estão ávidos pelas comidas "não-naturais" que há duas longas semanas não saboreavam. Afritos, acudem ao Seo Zé:

- Eu quero três pães-de-queijo! Eu quero meia-dúzia! Eram seis da tarde. Eram três pães-de-queijo gordos e saídos do forno por um mísero real. Entro na fila. Chega a "gatinha". Não está atenta à minha colocação dianteira. Avança pelos flancos. Estilo surfista, decote em "V" da *Benetton*, saia curta no melhor estilo "forró universitário".

- Eeee! Tiiiôôô! O homem bonachão sorri. Nunca vendeu tanto na vida. Foram dez minutos de fama. Mas agora, graças à sorte, tudo voltou à calma que ele preza...menos pressa, menos dinheiro, menos problema. Tudo aquilo que ele sempre considerou felicidade. E o que mais

poderia sê-lo? - pensa.

A moça chama de novo. Ele ainda oferecia sorri de novo.

- Pois, não?

- Ô tio, eu tô dura - o óculos de sol ameaça cair da testa - e tô louca pra comer seu pãozinho-de-queijo.

Ela olha de lado. Me vê.

- Oi, tudo bem? - digo.

- Sussa! - responde, e continua o excerto dramático. - Tio, você não faz três pães-de-queijo e uma latinha de cerveja por dois reais? Eu tô com uma sede...

E o seo Zé, diante daqueles olhinhos que lhe parecem tão sinceros, o Seo Zé faz.

Cena 2: Capital; pleibói crente que é louco, que é diferente.

Estudante de Comunicação ou de Administração? Ele está em dúvida e não tem mais tempo. Não curte o Bush. Mas pela França ele tem o maior tesão. Povo educado. Tão diferente dos *cucarachas* latino-americanos deste continente. Mas ele só fala inglês. E além disto não tem tempo pra ver isso agora. Tá na correria. Vai levar a mina no *shopping* pra ver "Kill Bill - Volume 2". E antes ainda tem que lavar o carro, ir à academia e comprar um terno pra festinha paga da noite, na mansão da vó da "amiga" universitária, que está no hospital e liberou.

- Azeite - pensa ele - entra no *drive-thru* do *Mc Donalds*, pede uma *Coca* e lembra que esqueceu de comprar o *Marlboro*.

[Fim]

É isso aí, rapaziada, não tá fácil pra ninguém. Pra ninguém. Quando o mar não tá pra peixe, jacaré sai de canoa. Então senta e espera, que eu já vou indo. Fui.

\* [correspondente de Campinas]

# Constituição

por Ilma de Souza Brito\*

A Constituição Federal Brasileira garante em suas linhas: a) a soberania; b) a cidadania; c) a dignidade da pessoa humana; d) os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa; e) o pluralismo político. É chegada a hora de colocarmos em prática nossa cidadania e não termos mais que aceitar situações já tão conhecidas da população.

Nestes tempos atuais se iniciam as "representações" no cenário político: as visitas aos bairros carentes, às propostas de "soluções" para todos os problemas e as promessas para iludir o povo. Poderíamos até compará-las com o "Emplastro Brás Cubas", de Machado de Assis. Seriam cômicas se não fossem patéticas; mas, as verdadeiras decepções são as falsas expectativas do povo em se criar um governo mais justo.

Muitos senhores vão às casas dos pobres comerem do mesmo feijão e arroz como se fossem "velhos conhecidos" dos moradores. Seria um gesto nobre, não fosse o passado "glorioso" de alguns deles e suas frases famosas, que não são necessárias nesse momento. Também vão à televisão e às rádios maquiarem com belas palavras a dura realidade.

Como eleitores, somos obriga-

dos a engolir garganta abaixo que "o povo também precisa de educação", que irão combater a criminalidade, o desemprego; contudo, colocam o povo para trabalhar em péssimas condições. Falam de tudo o que gostamos de ouvir. Porém, na hora de "erradicar a pobreza e a marginalização", "reduzir as desigualdades sociais e regionais" e "promover o bem de todos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação", parece que esses dispositivos legais não querem dizer nada.

Queremos saber: onde está o trabalho social de verdade? Como podemos praticar nossa cidadania se nada muda? Onde estão realmente nossos direitos? No papel, na gaveta de alguns escritórios... não sei. Só sei que devemos ler muito, pesquisar, recordar de tudo que nos fizeram durante anos e, principalmente, cobrar atitude dos que serão nossos futuros representantes.

Mesmo com tudo isso, nós devemos ainda lutar e acreditar que é possível a mudança da situação do nosso país. Não podemos deixar que pessoas que deveriam nos ouvir, nos caíem. Se é pela lei que o governo deve "garantir o desenvolvimento nacional", temos que fazê-lo cumprir com as regras.

\* [aluna do Cursinho Popular dos Estudantes da USP]

# A Pobreza no Brasil



Às margens da barragem de Xingó, em Canindé do São Francisco, uma das cidades com a maior arrecadação de Sergipe, crianças trabalham catando lixo e não vão à escola. Não há nem transporte público e nem escolas nas proximidades do acampamento.



## BRASIL

## Massacres

por Maria Gorete Marques de Jesus\*

Milhares de civis são executados cotidianamente por policiais, em sua maioria homens jovens entre 14 e 25 anos, pobres e afro-descendentes. Em 2003, a Ouvidoria da Polícia de São Paulo recebeu 624 denúncias de homicídios praticados por policiais. No período entre 1995 e 2003, foram mortas pela polícia do Estado aproximadamente 2.810 pessoas; e, é sabido que a maior parte dos casos acaba não sendo investigada nem apurada. Somente com forte pressão de entidades ligadas aos direitos humanos e de setores organizados da sociedade civil é que alguns casos são averiguados, ainda assim com muita resistência por parte da própria polícia.

Passaram-se 12 anos do Massacre do Carandiru, ocorrido no dia 2 de outubro na Casa de Detenção de São Paulo. Cento e

onze presos foram covardemente executados por policiais fortemente armados, dentro do Pavilhão 9. Até hoje nenhum dos 84 policiais envolvidos foi julgado pela chacinha. O processo agora se encontra no Tribunal de Justiça de São Paulo para o julgamento de um recurso apresentado que questiona uma sentença de 1998 e, há mais de quatro anos, não tem nenhum andamento. Os crimes de lesão corporal leve prescreveram - ou seja, perderam efeito legal -, e 29 policiais não foram nem mesmo julgados; se tivessem, ficariam reclusos por penas que poderiam atingir mais de 20 anos.

O único que já passou por algum julgamento foi o Coronel Ubiratan Guimarães. Em 2001, o comandante da operação, foi condenado a 632 anos de reclusão por 102 homicídios. Em liberdade, ele agora recorre

da decisão ao Tribunal de Justiça e pede a anulação de seu primeiro julgamento. Se seu pedido for aceito, a sentença do júri popular será anulada e quem o julgou será o órgão especial do próprio TJ, em virtude do militar estar imune ao processo criminal desde 2003 graças ao cumprimento de seu mandato de deputado estadual (o último andamento do processo foi em junho de 2003).

No último dia 1º de outubro houve uma manifestação pública em frente à Catedral da Sé, um "ato-protesto" contra a impunidade. Entretanto, havia poucas pessoas, o que demonstra como a nossa vontade política tem sido insuficiente e a nossa memória social frágil...

\*[Comissão Teotônio Vilela de Direitos Humanos]

## Quanto perdemos com o processo democrático brasileiro

Por Rubens P. Dias\*

O Presidente do Brasil era João Figueiredo, o último da sequência de governantes militares que impingiram o amargo período ditatorial brasileiro. Figueiredo ficou conhecido mais por suas declarações como a de "gostar mais do cheiro dos cavalos do que o cheiro de gente", do que por conduzir o processo de Abertura Política Brasileira. Processo esse desencadeado, principalmente, pela inaptidão político-administrativa, conduzindo a ação de grupos de esquerda e movimentos populares a assumir um papel secundário, após duas décadas de perseguição e torturas nos chamados "Anos de Chumbo".

O processo eleitoral brasileiro caminhava a passos lentos. A imprensa, sob o jugo da censura, não noticiava os fatos relevantes e abandonava a população às escuras, em termos políticos. A esquerda representada pelo Movimento Democrático Brasileiro - MDB - avançava dentro dos limites permitidos, em oposição ao partido governista Aliança Renovadora Nacional, a ARENA. As eleições, enfim, efetivaram-se na parcialidade, porque prefeitos de capitais e de cidades estratégicas eram nomeados, havia a situação dos senadores "biônicos" e a forte influência da máquina administrativa no processo eleitoral. Neste ínterim, principiava o surgimento no ABC paulistano do Movimento Sindical e a figura de um metalúrgico, Luiz Inácio da Silva, acusado de subversivo por incitar operários à greve. Foi, desta maneira, julgado e preso com base na Lei de Segurança Nacional.

Esse era o quadro geral. Eu tinha na época 16 ou 17 anos. Numa danceteria conheci uma garota e comentei-lhe que gostava de Rock'n'roll, de Língua-de-Trap, Premê etc. Aquele local não era meu estilo. Ela era "das nossas"; encantada, convidou-me para ir num bar de uns amigos onde haveria uma

apresentação de um documentário sobre a Nicarágua. Após a chegada de um número considerável de pessoas ao local, iniciou um pequeno discurso. Disse que a fita era subversiva, aquele procedimento não era bem visto pelos "homens" do governo e que poderia baixar polícia. Aquilo gerou um estado de suspense acompanhado com um sentimento de... patriotismo latino americano?

O documentário mostrava uma situação de guerra desigual na Nicarágua. De um lado os sandinistas, liderados por Daniel Ortega (atual presidente nicaraguense), de outro as tropas do governo, os anti-sandinistas. As forças de resistência de Ortega, mesmo com o apoio das massas populares, tinham grandes dificuldades em sua luta. O governo vigente recebia forte ajuda financeira, mais treinamento e armamentos dos Estados Unidos da América.

A película mostrava famílias inteiras de camponeses chacinadas. Os anti-sandinistas "plantavam" armas russas às vítimas dos massacres como argumento à sua ação, baseada na ideia de conter o avanço comunista. Em breve explodiria o escândalo nos bastidores do governo estadunidense, o caso "Irã-Contras", que era uma manobra militar de venda de armas ao Irã (em guerra, à época, com o Iraque), cujos fundos deste lucrativo negócio financiariam os anti-sandinistas também chamados de contra-sandinistas ou "Contras".

No Brasil, o processo da campanha de "Diretas Já", tendo por base um projeto de lei do então deputado federal Dante de Oliveira, levou o povo às ruas. Parecia que estávamos a caminho da democracia, mas o projeto foi rejeitado na câmara e no senado. A sucessão eleitoral, assim, tornou-se indireta por meio do chamado "Colégio Eleitoral". No bloco governista, o candidato era

o Sr. Paulo Maluf, que causou uma cisão entre os governistas pela sua candidatura a todo custo. Na tentativa de aglutinar forças à esquerda, o MDB lança o candidato Tancredo Neves, que tinha como vice José Sarney, de direita. Nascia a "Nova República" e Tancredo não chegaria a assumir.

Seis anos de Governo Sarney culminaram com a sucessão por eleições diretas, na maior campanha de marketing político já vista, a de Collor de Mello. O chamado "Fora Collor", teria sido mais uma influência dos órgãos de imprensa do que propriamente a mobilização - de uma parcela - da população.

Onde foram parar, o sentimento de latinidade, as músicas de Mercedes Sosa, as boinas de Che Guevara, as discussões sobre os desaparecidos políticos, os livros de Alfredo Sirkis, as atrocidades de Sebastião Curio no Araguaia?

Vivemos uma democracia após três décadas de anestesiamento político. A população continua em sua escuridão crítica. Nem sabem que não sabem votar.

\* [Geólogo da USP e pós-graduando na UNESP]  
rubenspe@gmail.com



## INSCRIÇÕES ABERTAS!



## CURSINHO POPULAR dos estudantes da USP

R\$ 110,00 (MANHÃ) R\$ 85,00 (TARDE)  
R\$ 90 (NOITE) R\$ 80,00 (SABADO)

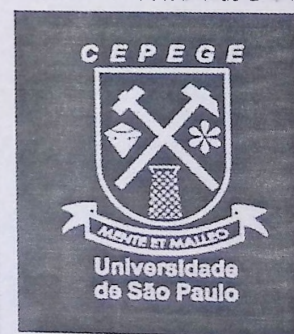
TEL: 3258-1436 / 3231-0692  
END: RUA DA CONSOLAÇÃO, 1009

\*BOLSA DE ESTUDO, MEDIANTE AVALIAÇÃO  
\*MATERIAL DIDÁTICO INCLUSO  
Sede: Cidade Universitária,  
Bloco F - Sala 17

## PUBLICAÇÃO DO CENTRO PAULISTA DE ESTUDOS GEOLÓGICOS

### SUBSTRATO

ano 1 - nº 1 - outubro de 2004



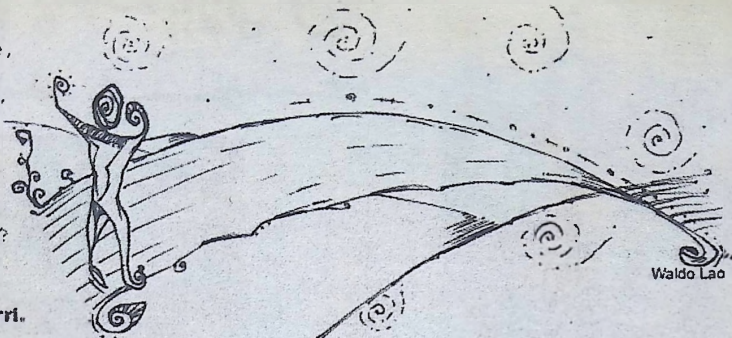
A revista "Substrato", foi lançada na segunda semana de Novembro na Faculdade de Geologia-USP. O trabalho é uma coletânea de diversos textos em que se discutem questões, políticas, filosóficas e sociais. Participam tanto alunos, funcionários e professores que revelam o lado não acadêmico da faculdade. Revista de distribuição Gratuita. Leia, critique e Participe. Entre em contato: [revistasubstrato@yahoo.com](mailto:revistasubstrato@yahoo.com)



# Poucas Palavras

Ellá esta en el horizonte,  
me acerco dos pasos,  
ella se aleja dos pasos,  
camino diez pasos  
y el horizonte se corre  
diez pasos más allá.  
Por mucho que yo camine,  
nunca la alcanzaré.  
Para que sirva la utopía?  
Para eso sirve, para  
caminar.

Fernando Birri.



## Palavra Concreta

Com a palavra concreta  
eu deonstruo as estruturas  
eu concretizo a minha meta  
quem não erra, não acerta.

E o calo dói  
onde o sapato aperta.  
Por isso acredito  
nas mentiras do poeta.

Ben Charles

## Crônicas do tempo

por Cuca\*.  
(de Buenos Aires)

### AS MADRES



Não importa a temperatura do dia, que nesta cidade pode oscilar do abaixo de zero aos quarenta graus, todas as quintas-feiras, há exatos 27 anos, um grupo de mães que agora seriam avós se tivessem tido chance, vão a Plaza de Mayo reclamar seus filhos. Na cabeça levam lenços brancos que na verdade não são simplesmente lenços, são as fraldas de seus filhos mortos pela ditadura. São mulheres que inverteram bastante a ordem das coisas, enterraram (ou sonham ainda enterrar) seus filhos, herdaram os ideais de luta dos jovens e mais ainda, saíram de casa com medo e dor para enfrentar cães, metralhadoras, policiais, militares e esquecimento.

Elas contam que conseguiam espantar os policiais quando começavam a rezar a "Ave Maria" com toda força, e que eles tinham tanto medo de Deus que deviam se lembrar que ao baterem mulheres, poderia ir para o inferno. Eles mal sabiam que em meio a essas rezas, no canto monótono das vozes, elas combinavam entre elas e com o próprio Deus, o próximo lugar de encontro.

### O SOL DA NOITE

Quando chega a noite, só depois de se esconder o sol da bandeira, os cartoneros entram na cidade.

Estão em todas as partes, com carrinhos de empurrar e grandes sacolas de rafia em cima, crianças na rabeira. Fugando fixos em busca de papelão pois aqui não se usa tanta latinha. Causam vergonha ao orgulhoso argentino da capital. "São bolivianos!", dizem.

Não, esses indígenas são argentinos, do norte deste país que não é Buenos Aires. E, não estão em tribos nem levam suas culturas em latas de conserva.

Mas tem a pele morena o suficiente para causar medo.

\* [Pesquisadora em comunicação/USP]

## Norte-americano? Não. Americano? Pior ainda. Estadunidense? Sim!

por Marcio Aparecido Inocêncio

Uma expressão muito usada que me dói os ouvidos, é considerar "norte-americano" um cidadão nascido nos Estados Unidos ou, a que me deixa quase surdo: "americano". Esta e aquela estão intrínsecas em todos os ambientes: jornalístico, acadêmico e popular; às vezes por ignorância e outras conscientemente, o que é mais melancólico. Segundo alguns críticos historiadores não há mal em usá-las, acreditam não ser uma forma de aculturação e expansão do imperialismo. O controle estaria sendo feito por outros órgãos com ações mais diretas como o FMI, OTAN, Banco Mundial e a ONU. Só não podemos esquecer as origens desse poder, transcorrido em anos e dividido em várias etapas. Para conquistar e manter a atual soberania mundial, os Estados Unidos fizeram e ainda fazem uso dos poderes econômico e militar. O processo de aculturação surge como consequência do sucesso atingido com as práticas políticas dos seus dirigentes no decorrer da história. Se quisermos nos emancipar financeira e intelectualmente, devemos combater uma a uma essas imposições.

É imprescindível que seja feita uma rápida abordagem histórica dos fatos, para que se possa entender como o processo de aculturação, o poder econômico e militar estão intimamente ligados. O nascimento da dominação data de 1823 com o presidente James Monroe, ao enunciar um conjunto de práticas políticas. A doutrina Monroe, como ficou conhecida, deixa claro a partir daquele momento que os EUA consideravam o continente americano sua área de atuação geopolítica, e não aceitariam intervenção europeia. Essa ideologia ficou expressa na famosa frase "A América para os americanos". Num ato de ousadia, foi primeiro país a reconhecer a independência do Brasil. Aos poucos foi ampliando o seu domínio. O crescimento das indústrias e o fim da escravidão nos Estados Unidos – vista como um grande entrave ao capitalismo, pois os escravos não consumiam – só se efetivaram após a maior guerra civil do século XIX. A Guerra de Secessão deixou um saldo de aproximadamente 600 mil mortos. Adentrando agora pelo século XX, o país estadunidense foi o maior beneficiado com a Primeira Guerra Mundial. Os Estados Unidos surgem como uma grande potência a partir da Segunda Guerra juntamente com a União Soviética, dando início ao período conhecido como Guerra Fria. Gerenciou através da CIA e financiou as ditaduras militares na

América Latina, sem esquecer da Guerra do Vietnã, Coreia, Irã, Golfo, do embargo econômico a Cuba e do seu antigo afilhado Osama Bin Laden.

Relacionando o passado aos dias atuais, pode-se notar o impressionante e envolvimento estadunidense em guerras e hoje vendem a ideia do "Combate ao Terror". Qual o significado de terror para eles? Quem são para querer levar a "liberdade" ao Afeganistão e ao Iraque? Em seu discurso de presidente reeleito, Bush afirmou ter planos de "libertar" os habitantes da ilha de Fidel também. O Iraque é um exemplo de como a presença estadunidense em seu solo não é bem vinda, pois mesmo após a prisão de Saddam Hussein, os iraquianos resistem bravamente nas ruas. Deixo aqui um momento para reflexão e peço licença para comentar uma indignação pessoal: uma das muitas decepções que tive com o governo Lula, foi o envio de tropas ao Haiti para ocupar seu lugar no conselho de segurança da ONU, afinal de contas não temos problemas de segurança por aqui, podemos tranquilamente deslocar soldados bem treinados para outro país a fim de "restabelecer" a paz; a paz estadunidense. Mas esse é um outro caso, voltemos aos EUA.

Vendem ao mundo o seu próprio modelo de vida como sendo o ideal. Marcas de refrigeran-

tes, hambúrguer, batata frita, camisetas e bonés de times de basquete, filmes, conjuntos musicais etc. Há uma escola de inglês em cada esquina. Chega! É hora de valorizarmos a nossa cultura, os nossos filmes, os nossos conjuntos musicais, as nossas comidas típicas. A maior parte dos habitantes da Terra pode rapidamente identificar o símbolo do McDonald's, da Nike ou da Coca-Cola. Não podemos comer um lanche ou comprar um tênis simplesmente pelo logotipo, sendo influenciados diretamente pelo alto investimento em publicidade. O livro "No Logo – A Tirania das Marcas em um Planeta Vendido", da jornalista canadense Naomi Klein, cita a Nike por ter pago ao astro do basquete Michael Jordan, em 1992, US\$ 20 milhões para ser seu garoto-propaganda. Essa hagiografia é maior que o valor gasto pela companhia com todos os seus 30 mil trabalhadores na Indonésia. Mesmo que indiretamente há uma aculturação e deve ser exterminada. Ao citar "europeu", não conseguimos identificar a qual nação diz respeito, pode ser português, italiano, espanhol, alemão etc. Quando ouço "norte-americano" fico em dúvida, não sei se é mexicano, canadense ou estadunidense. "Americano"? A interrogação é ainda maior, pois há América do Sul, Central e a do Norte. Sendo assim, vamos pronunciar corretamente a nacionalidade de um cidadão que nasceu nos Estados Unidos. Poupe os meus ouvidos, escrevam e digam estadunidense! É simplesmente o que eles são.

\* [técnico em metalurgia do IPT]  
inoce@ipt.br

## Você conhece o BRASIL DE FATO?

Está na hora de conhecer!

Uma visão popular  
do Brasil e do Mundo  
Leia e Assine!

Contato para assinaturas:  
(11) 2131-0812 ou 2131-0808  
assinaturas@brasildedefato.com.br  
www.brasildedefato.com.br

## Jornal Semanal



## MST



### Hai-Kais

por Gabriela Vaicava

mausoléu  
a dureza do asfalto  
em contraste com o céu

saudades do tempo  
em que a grande ameaça  
era um dia cinzento

democracia  
na fila da utopia  
sou voto vencido

da poesia pra o prosa  
da rosa do povo  
ao povo do rosa \*

\* homenagem ao assentamento Rosa Luxemburgo.



Mural Jd. Pantanal (zona sul de São Paulo).  
A realidade da periferia está presente na arte do grafite.

## Fórum Social Mundial



De 26 a 31 de janeiro de 2005 - Porto Alegre, Brasil

Arca da Siva

## o Jardim Elétrico.



Novo Espaço Cultural da região do Butantã, com variada música ao vivo todos os dias. O espaço misto de boteco e galeria de arte, mescla diversos ritmos da música brasileira e latino-americana em geral.

Exposições ou mesmo esquetes dramáticas podem fazer parte do eclético cardápio, que conta também com diversos tipos de cachaças mineiras, cervejas e quitutes.

Localizado à Av. Heitor Eiras Garcia, 80 – próxima ao portão 3 da USP – O Jardim Elétrico abre suas portas às 19:30h, e só fecha na alta madrugada.

### Programação:

- 2ª Feira: Noites de Samba com o grupo NÓ NA MADEIRA.
- 3ª Feira: Venga a bailar los ritmos Latino-americanos (salsa e otros).
- 4ª Feira: MPB com: Marilde (voz), Andres (violão) & Tico (percussão).
- 5ª Feira: Chorinho de primeira com o grupo LÍNGUA BRASILEIRA.
- 6ª Feira e Sábado: Programação livre, cada dia uma história diferente.
- Domingo: infelizmente fechamos.

Artistas interessados em fazer um som ou mesmo em mostrar seus trabalhos, devem comparecer ao local, ou escrever para :  
ojardimeletrico@yahoo.com.br.

**Tel: 3733-4191**

### Leia e Divulgue A Palavra Latina.

A Palavra Latina é distribuída na Universidade de S. Paulo, na PUC, no Centro Cultural de S. Paulo, no MST-SP, na Central de Movimentos Populares, na Biblioteca Mário Andrade e nas sedes do PT, PSOL, e PSTU.

Depósito de exemplares. Espaço Cultural da Consolação, 1909 - São Paulo. Telefone: 3231-0692.

Redação: Cidade Universitária, Butantã- S. Paulo, CRUSP, bloco F, térreo, sala 17. Telefone: 3091-2307